

T
E
R
R
O
R
B
R

OSSINHOS DE BELÉM



UM CONTO DE NATAL



DARK

PAULO RAVIERE

VOLUME

5



"BATE OSSINHO PEQUENINO,
"OSSINHO DE BELÉM".



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL
DARK



FOR
PAULO RAVIERE

UM CONTO DE NATAL
DARK

OSSINHOS DE BELÉM

PAULO RAVIERE

“Veja bem, as pessoas costumam achar que canibalismo e antropofagia são a mesma coisa, mas não são”, professava Thomas para uma brasileira com traços nipônicos que Kendrick conhecia de vista da universidade.

Estavam sentados no mesmo sofá que Kendrick, mas já fazia algum tempo que Thomas tinha parado de fingir que também conversava com ele. Diante de si, uma televisão exibia um vídeo de “Black Steel in the Hour of Chaos”, do Public Enemy, na versão de Sepultura com participação de Sabotage. A sala era adornada por espadas, máscaras de madeira, uma manta com padrão de arabescos, chapéu, pinturas de rua, reproduções de fotografias e cartazes famosos, flâmulas de esportes pouco populares no Brasil, berrante, netsuquês, miniaturas de monumentos, bonecos bizarros — artefatos cujo único vínculo entre si era a indicação de que os donos haviam viajado bastante; mas até onde Kendrick sabia, tudo aquilo poderia ser comprado numa tabacaria de

shopping. Os móveis da sala haviam sido retirados ou encostados nas paredes para liberar espaço, e ilhotas de pessoas conversavam e bebiam pelo cômodo. O único móvel a permanecer no lugar era uma mesa de vidro temperado que estava no limiar entre o chique e o *kitsch*, na outra extremidade do aposento. Sentados diante dela, três pessoas dividiam um baseado enquanto suas *long necks* esquentavam.

“Vou explicar com o exemplo dos tubarões”, continuava Thomas. Embora fosse um beberrão, sua cerveja já havia acabado e ele não tinha ido buscar outra (a japonesa parecia interessada nele). “É bem simples, na verdade. Um tubarão que se alimenta de humanos é um animal antropófago. Um tubarão canibal seria aquele que se alimenta de outros tubarões. Essa é a diferença básica, saca? Humanos que comem humanos são antropófagos e canibais ao mesmo tempo, por isso muita gente acha que é a mesma coisa.”

Thomas era o único membro da turma de intercâmbio universitário que já dominava o português tão bem quanto ele, mas Kendrick intuía que, com sua pinta de surfista, o colega não precisaria saber falar porra nenhuma para ter sucesso em tudo o que tentasse. O grupo chegara junto em Salvador, na metade de agosto, vindo de diversas partes dos Estados Unidos. Em sua maior parte, estudantes de pós-graduação provindos das Ciências Sociais, dos Estudos Culturais, de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira. Quase todos estavam morando na casa de algum soteropolitano — um modo de acelerar o aprendizado do idioma e de viver cultura local —, mas passavam os feriados juntos. A ironia é que Kendrick tinha certeza de que eles jamais confraternizariam, se estivessem em seu próprio país.

Ele não suportava mais escutar a mesma ladainha antropológica que Thomas repetia sempre que se interessava por uma garota, ainda mais naquele mês, em que o tema ganhara ressonância midiática devido às notícias terríveis que vinham se sucedendo nas grandes metrópoles do Brasil. Quando Thomas começou a beijar a japonesa, Kendrick trocou a sala pela cozinha.

— Bora comer água! — gritou ao seu ouvido Ernesto, o dono do apartamento, segurando uma garrafa de cachaça envelhecida. Apesar de ter se incomodado com o grito, Kendrick nunca recusava uma dose de cachaça. Com os dois, brindaram também um moleque branquelo que sempre

acabava cochilando na frente de todo mundo; Moraes, um rasta gente boa; Jéssica, a namorada de Ernesto daquela semana; e Tiffany, uma estudante de Berkeley que estava morando na casa de Ernesto.

Após brindar e virar a cachaça, afastou-se da roda. Em seu estado de espírito, ele infectaria a animação alheia. Além disso, já havia percebido que o silêncio não era visto com bons olhos em Salvador, se é que uma frase dessas (ver o silêncio) poderia fazer sentido. Em Salvador, a tristeza só era permitida nas letras dos sambas, pensava, quando a música da sala deu uma guinada brusca, de Sepultura para “Juízo Final”, de Nelson Cavaquinho.

— Agora abra a sua mente e me escute, Kendrick... — alardeou Ernesto, segurando um pacotinho de maconha, com um sorriso arreganhado. Kendrick o interrompeu gesticulando com a mão esquerda, enquanto com a outra mostrou-lhe a tela do celular. Então saiu da cozinha.

Caminhou até a varanda aberta da casa, de onde era possível observar uma nesga do Porto da Barra, se olhasse bem para o lado direito. Ernesto era filho de um joalheiro do Centro; estudava cinema na Federal, e os outros dois, o branquelo e Moraes, eram seus colegas. Kendrick não o conhecia muito bem, mas não gostava do tipo. Ernesto parecia ser um egocêntrico que se declarava progressista somente porque era o que todos de seu círculo de convívio declaravam. Mesmo assim, aceitara seu convite para um esquete, antes da ceia de natal, pois não tinha nada de melhor em sua programação. Seus anfitriões do intercâmbio estavam em outra sintonia, e fariam uma ceia após a Missa do Galo. Provavelmente era o que todos os outros também faziam depois. A ideia era que aquele esquete terminasse muito mais cedo do que o habitual.

— Hospedando gringo? — disse-lhe, às suas costas, uma garota que ele nunca tinha visto antes. Ruiva, olhos azuis, sardas. Devido ao susto, Kendrick respondeu em inglês:

— *Sorry?*

— Ah, pode falar comigo em português. Sou daqui mesmo.

— Oh! — reagiu Kendrick. — Sou da América. — Seu sotaque era mais perceptível devido ao ritmo do que pela pronúncia em si, embora ele ainda sentisse dificuldade com certos fonemas.

As sardas da ruiva se avermelharam, enquanto ela gaguejava suas desculpas em inglês. Kendrick já estava acostumado. Devido à cor de sua pele, com frequência era tomado por soteropolitano, mesmo antes de trocar as pesadas roupas formais das primeiras aulas pelos shorts, camisas floridas, sandálias e chapéu panamá que usava atualmente. Do traje antigo, apenas os óculos redondos beges.

— Acontece... — respondeu, sem muita empolgação. Não pretendia constrangê-la, mas tampouco consolá-la. A garota saiu de lá sem dizer mais nada. Talvez ele tivesse perdido uma chance, mas aquela noite não se lamentaria por isso.

Os feriados longe de casa estavam ficando cada vez mais melancólicos. O único realmente interessante fora o de Cosme e Damião, no final de setembro, porque era diferente de tudo o que conhecia. Passou mal após devorar um caruru — nome que designa o ao mesmo tempo um prato feito com quiabo e um banquete de comidas encharcadas de dendê —, e, a despeito do revertério, sentiu-se feliz com a experiência. No mais, passou um Halloween (“Day of the Witches”, ensinaram-lhe) desmilinguido, pois ninguém usaria fantasias elaboradas demais naquele calorão, e os outros feriados que frequentou consistiram essencialmente em multidões, cerveja de milho e música alta. O *Thanksgiving* não existia, sequer descobriu o nome em português, e só não deixou a data passar batido por causa de uma Black Friday histriônica e desonesta.

E agora a temporada de Natal estava sendo um sofrimento particular, pois era seu feriado favorito, nos Estados Unidos. Era quando saía da Filadélfia e passava uns dias com os amigos de adolescência e a família em Jackson, Mississipi, sua cidade natal. Com exceção do calor abafado, o Natal em Salvador, em essência, era igual ao Natal em qualquer outro lugar: luzes coloridas, Papais Noéis enfadados, crianças ensandecidas, lojas lotadas, hipocrisia.

Na primeira vez que ouviu a versão brasileira do “Jingle Bells” estrondando na caixa de som de um camelô da Avenida Sete, acreditou tratar-se de uma paródia macabra, inspirada nas notícias daquele mês: “Bate ossinho pequenino, ossinho de Belém”. Ele sabia que o baiano fazia humor com qualquer assunto, mas aquilo passava dos limites do aceitável.

Quando a ouviu de novo, na mesma tarde, na propaganda de uma loja de departamentos (um sujeito na calçada berrando em um microfone), descobriu que, na verdade, era apenas um erro de interpretação auditiva, pois ainda sentia dificuldade em distinguir o *n* do *nh*.

Decidiu ir embora do esquente sem dar “feliz natal” pra ninguém. Compreendia que as despedidas demoradas faziam parte do tecido social da cidade, mas às vezes ele se sentia um personagem de *O Anjo Exterminador*, de Buñuel — ou do conto “Os Cativos de Longjumeau”, de Léon Bloy —, como se uma força maligna e sorrateira o impedisse de ir embora de certos eventos. E o Santo Antônio, onde estava morando, não ficava muito perto.

Não era apenas melancolia: Kendrick sentia medo.

Sua Barra Circular vermelha estava trancada no estacionamento externo do condomínio. Não era a bicicleta ideal para subir todas aquelas ladeiras, mas Kendrick dava um jeito. Chegou a ter uma Caloi de carbono, bem mais cara e mais leve, mas a perdeu por deixá-la por dez minutos solta num poste diante de uma padaria do Canela. Da fila do caixa, chegou a ver o ladrão e gritar por ajuda, mas ninguém fez nada; tampouco a polícia, mais tarde. Não se arriscaria a perder outra bicicleta de alto valor. Sua Barra Circular resistia incólume à ganância dos ladrões, e se a perdesse, após tantos meses, o prejuízo já estaria compensado pelo uso. Além do mais, passaria janeiro viajando por outras partes do Brasil, e no começo de fevereiro voltaria aos Estados Unidos, e pretendia doá-la antes disso.

Geralmente temia passar à noite pelo Porto da Barra. Apesar de bem iluminado, o trecho tinha um histórico recente de massacres de mendigos, tiroteios entre traficantes e surtos psicóticos de policiais. Ele bem sabia que os policiais brasileiros eram tão ou mais perigosos que os de seu país. Pra não falar das aterradoras notícias das últimas semanas. Mas, como no fim de dezembro a cidade ficava cheio de turistas, decidiu passar por lá mesmo. Em seguida, subiu a Ladeira da Barra com a *bike* na mão, desconfiando de todos os passantes, e assim que foi possível, montou nela para percorrer o Corredor da Vitória, mantendo-se afastado das árvores. Volta e meia um coletivo rugia atrás de si, e ele era obrigado a encostar nas calçadas, mas em seguida voltava ao meio do asfalto.

Temia que algum “sacizeiro” saltasse de repente em cima dele. As notícias sensacionalistas usavam esse termo, e ele não entendia o significado. Os indícios já estavam no ar fazia meses, quando pessoas começaram a disputar a tapa os ossos que os açougues jogavam no lixo. Depois os açougueiros começaram a *vender* os ossos. Hipocrisia: ingrediente natalino indispensável. Provavelmente, naquela noite, as mesmíssimas pessoas que vendiam ossos velhos estivessem esvaziando cantigas sobre o amor, a compaixão e a caridade.

Na Praça do Campo Grande, um de seus lugares favoritos, o coração de Kendrick se apaziguou um pouco, ao notar o encantamento de uma criança que admirava as luzes de natal com a família. Talvez essa pontada de melancolia sempre estivera presente nele, e o que pesava tanto dentro de si fosse meramente aquele sentimento inominável que apenas a língua de Caetano conseguia traduzir. Saudades: de uma melancolia outra, uma melancolia mais gélida e cinzenta, uma melancolia da neve.

Uma missa estava sendo ministrada na Igreja da Piedade, mas ele estava do outro lado da praça, que fazia frente com a igreja. Parou a bicicleta ao avistar um mendigo afeito à poesia que ele sempre encontrava por ali, a declamar versos de poetas clássicos, como que para honrar a ilustre presença da estátua de Camões que o observava atentamente da fachada do Gabinete Português de Leitura. Era um velho maltrapilho e malcheiroso, de barba espessa, olhos apertados, com as pernas e braços carcomidos por pústulas. Kendrick aprendera a admirá-lo à distância, pois o homem também era senhor de uma retórica admirável. Recitava versos de Augusto dos Anjos que, embora Kendrick não compreendesse por inteiro, definiam muito bem como ele se sentia aquela noite:

Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do Cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,
Jamais exprimiria o acérrimo asco
Que os canalhas do mundo me provocam!

Como não poderia deixar de ser, o mendigo encerrou seu ato com um escarro carrasco, viscoso e consistente.

Kendrick prosseguiu com a imagem na cabeça por algum tempo. Após passar do Relógio de São Pedro, um jorro de água fina molhou seu chapéu. Eram assim repentinas as chuvas de verão soteropolitanas. Não estava tão longe de casa, então acelerou a pedalada para tentar evitar a chuva que logo ficaria mais pesada. Na Avenida Sete, ele *presenciava* o horror a cada movimento de sombra, e acelerava ainda mais. À altura do Mosteiro de São Bento, de olho na estátua de Castro Alves, um sedã aparentemente estacionado deslocou-se de repente e Kendrick se chocou com o retrovisor. Estabacou-se no chão úmido, machucando os braços, o peito e a testa, antes de girar em torno do próprio corpo e sobre o chapéu caído. Os óculos haviam voado longe.

— Ô, desgraça! — berrou um sujeito de uns 25 anos, forçado, usando sapatênis, calças azul-marinho e camisa polo branca. Ele saiu pela porta do motorista e examinou o vidro estilhaçado do retrovisor. — Você vai pagar por isso, tá me ouvindo, neguinho feladaputa?

Outros dois sujeitos, vestidos de modo semelhante a ele, porém bem mais jovens e mirrados, também saíram do carro. O motorista avançou em direção a Kendrick, cuja testa já apresentava um hematoma ao mesmo tempo inchado e ralado. Além disso, um estilhaço de vidro havia se instalado na parte externa da sua mão direita. Kendrick olhou para o motorista, e percebeu que por seu nariz escorria um filete de sangue. O homem desferiu um soco no lado esquerdo de seu rosto.

— Feliz Natal pra você!

Kendrick só não caiu no chão porque o brutamontes o içava pelo colarinho da camisa. Braços e pernas moles; desejava apenas se deitar. Com o segundo soco, já não enxergava mais nada pelo olho esquerdo.

— Toma seu presente!

Após o terceiro soco, no mesmo lugar, o brutamontes o soltou no chão, quase inconsciente. Antes mesmo que tivesse a chance de sonhar que estava livre, um chute quebrou duas de suas costelas. Os outros dois sujeitos foram instados a atacá-lo. Hesitantes, começaram com chutes mais leves. Também sangravam pelo nariz. Como que estimulados pela

chuva que engrossava cada vez mais, a intensidade dos chutes crescia gradualmente: barriga, costelas, braço, cabeça. Um deles pisou em sua mão, enfiando ainda mais o pedaço de vidro.

Kendrick tentou se virar, quando o passaporte americano caiu de seu bolso. O motorista o pegou com uma expressão de pavor.

— Puta que pariu, o feladaputa é americano! Borimbora!

Alucinados, os moleques não queriam interromper o espancamento.

Antes que o brutamontes conseguisse convencer alguém ou se virar em direção ao carro, recebeu na nuca uma súbita pancada metálica, e desabou no chão, como uma cabeça de gado abatida.

A primeira ossada tinha sido encontrada num contêiner de lixo da Mouraria. Um jovem estudante de medicina, sertanejo, que pela primeira vez na vida passaria as férias fora da cidade onde tinha crescido, para ficar com o namorado. Uma semana depois, outra ossada fora encontrada na Cidade Baixa, a poucos metros do Elevador Lacerda. Um casal de idosos que morava no Itaipara e tinha ido ao Mercado Modelo comprar souvenirs para os parentes mineiros que os dois visitariam no réveillon. Durante as semanas seguintes, mais ossadas foram encontradas em pontos diversos da cidade. Nunca por inteiro, nunca um indigente — alguém sem RG e CPF. Nenhuma testemunha, embora aquelas ruas tivessem olhos e ouvidos. Ossos sem resquício de carne ou tutano.

O sacizeiro ergueu a bicicleta mais uma vez e desfigurou o rosto do brutamontes. Seu corpo ainda tremeu espasmodicamente por alguns segundos, até surgir de trás dele uma mulher que o degolou com uma faca de cozinha enferrujada. O sangue não espirrou muito alto, as grossas gotas de chuva o empurraram de volta ao chão. Não demorou e um bando de pessoas desesperadas avançou de uma só vez, e iniciou-se uma sinistra ceia de Natal.

Um dos rapazes mirrados não teve reação, e apenas ficou inerte, assistindo à horda de homens, mulheres e crianças se atirarem sobre o cadáver do primo, seres humanos decrepitos, como zumbis. Merda escorreu por suas calças. Então o guidão da bicicleta estourou um de

seus olhos arregalados, atravessou a órbita e desligou o cérebro. O outro rapaz tentou correr, mas tropeçou no torso de Kendrick e caiu de bruços no chão.

Kendrick não sentiu alívio, pois ficou claro, ao encarar aqueles olhares famintos, que aquelas pessoas não tinham atacado seus algozes para salvá-lo. Ao longe, os sinos de meia-noite enterravam qualquer esperança de gente na rua. Quando os sacizeiros avançaram em sua direção, ele se perguntou se seriam canibais ou antropófagos, pois aos seus olhos, apesar de parecerem humanos, não pertenciam mais à mesma espécie. Fazia muito tempo que a humanidade havia sido garfada de dentro deles.

PAULO RAVIERE nasceu em Irecê, Bahia, em 1986. Tem mestrado em tradução pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atualmente cursa o doutorado na FFLCH/USP. Colaborou com o *Blog do IMS* e as revistas *Pesquisa FAPESP*, *Barril*, *Serrote* e *Piauí*. Traduziu obras de autores diversos, como Robert Louis Stevenson, Hans-Åke Lilja, Bret Easton Ellis, Donald Ray Pollock, Clive Barker, Joseph Conrad, entre outros, todos publicados pela DarkSide® Books, que também publicará seu primeiro romance em breve. Saiba mais em ravieres.wordpress.com.

UM CONTO DE NATAL
DARK



DARKSIDEBOOKS.COM